

SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
Ministério da Educação
Instituto Federal de Alagoas – IFAL
Pró-Reitoria de Ensino
Diretoria de Educação a Distância

EDINA MARTINS COSTA
MÔNICA ANDREA ROCHA

**QUESTÕES DE VARIAÇÃO LINGUÍSTICA NA RELAÇÃO
PROFESSOR- ALUNO**

PENEDO
2022

EDINA MARTINS COSTA
MÔNICA ANDREA ROCHA

**QUESTÕES DE VARIAÇÃO LINGUÍSTICA NA RELAÇÃO
PROFESSOR- ALUNO**

Monografia apresentada ao Curso de Licenciatura em Letras do Instituto Federal de Alagoas, com requisito parcial para obtenção do título de Licenciada em Letras – Língua Portuguesa.

Orientador: Prof. Me. Josenildo Farias Neto

PENEDO

2022



Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
Instituto Federal de Alagoas
Campus Penedo
Biblioteca

C838q

Costa, Edina Martins.

Questões de variação linguística na relação professor - aluno / Edina Martins

Costa, Mônica Andrea Rocha. – 2022.

44 f. ; il.

Orientação: Prof. Josenildo Farias Neto.

Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Letras) – Universidade Aberta do Brasil, Instituto Federal de Alagoas, Campus Penedo, Penedo, 2022.

1. Língua portuguesa. 2. Preconceito linguístico 3. Variação linguística. I. Costa, Edina Martins. II. Farias Neto, Josenildo. III. Título.

CDD: 410

Maria Luzia Alexandre de Oliveira
Bibliotecária/Documentalista
CRB-4/2159

EDINA MARTINS COSTA
MÔNICA ANDREA ROCHA

QUESTÕES DE VARIAÇÃO LINGUÍSTICA NA RELAÇÃO PROFESSOR- ALUNO

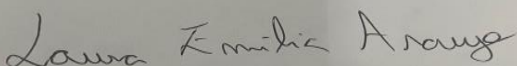
Monografia apresentada ao Curso de Licenciatura em Letras do Instituto Federal de Alagoas – Campus Penedo, com requisito parcial para obtenção do título de Licenciada em Letras – Língua Portuguesa.

APROVADO (A) EM: 22 / 02 / 2022.

BANCA EXAMINADORA



Prof. Ms. Josenildo Farias Neto
Orientador/Presidente da Banca
Instituto Federal de Alagoas - IFAL



Prof. Esp. Laura Emília Araújo
Avaliadora



Prof. Dra. Sanadia Gama dos Santos (UNEAL)
Avaliadora

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus por todos os momentos que me proporcionou durante toda caminhada que trilhei na universidade, quero dar a Ele toda a honra e toda a glória, por me provar que não há impossível para aquele que Nele crê. Pois mesmo durante as dificuldades o Senhor me sustentou a cada momento.

Deixo a minha gratidão, a minha família que foi peça chave para que eu pudesse terminar esse grande desafio da minha vida, nas pessoas de Marta e Ellen, minhas irmãs queridas, pois sem elas não estaria realizando esse grande sonho, sempre foram minhas incentivadoras, minhas parceiras de jornada, amo vocês, e as minhas sobrinhas netas que amo tanto, Mariane e Júlia que são minha inspiração. Vocês foram necessárias para que eu chegasse até aqui.

Gratidão também a minha amiga e parceira de todas as horas Edina, que sempre me incentivou e não me deixou em nenhum momento pensar em desistir, onde ao longo desses anos compartilhamos bons e maus momentos, mas conseguimos vencer cada desafio.

Agradeço ao meu orientador mestre e professor Josenildo que mesmo à distância, conseguiu nos entender sendo paciente e disponível. Agradeço também a minha turma de Letras, que juntos nos incentivaram a chegar até aqui. Todos se sintam amados e queridos.

AGRADECIMENTOS

Agradeço em primeiro lugar a Deus, pois me concedeu paciência e sabedoria no decorrer do curso sem ele nada disso seria possível.

À minha família em especial a minha mãe, ao meu sobrinho Adrian que me animou a fazer o vestibular no início de tudo, a meus filhos que vibravam comigo a cada conquista.

Aos professores do curso, que foram mestres inspiradores e me incentivaram a chegar ao fim do curso.

Às minhas amigas que escutavam meu desabafo a cada dificuldade, e me animavam, dizendo que eu era sim capaz de vencer cada obstáculo e que tudo daria certo, confiando na minha capacidade as vezes até mais que eu.

À minha amiga e parceira Mônica que tanto me ajudou e me animou nas dificuldades dos estudos, que junto comigo acreditou no sucesso dessa caminhada.

A todos aqueles que mencionei, agradeço por acreditarem em mim, no meu sucesso, obrigada pelo apoio incondicional.

A todas essas pessoas queridas, o meu muito obrigada!

RESUMO

A presente pesquisa trata da relação professor e aluno no ensino das variações linguísticas e do preconceito linguístico na turma do 9º ano de uma escola no município de Penedo-Alagoas. Objetivou-se com esse trabalho levantar uma reflexão sobre os desafios enfrentados na relação professor- aluno no uso das variações linguísticas em sala de aula e análise do preconceito em sala de aula, para uma melhor relação professor e aluno. Almeja-se com esse trabalho incentivar o professor a refletir sobre o uso de uma linguagem variável a fim de facilitar o processo de ensino e aprendizagem das variações linguísticas. Por se tratar de um estudo de caso, foram feitos questionários, entrevista e observações de campo, onde foram coletados dados para melhor processo da análise e discussão. O trabalho mostra ainda a necessidade do uso de uma linguagem que possa aproximar professor e aluno no processo de ensino das variações linguísticas para se combater o preconceito linguístico em sala de aula e está embasado por teóricos como Marcos Bagno (1999, 2003, 2008), Sírio Possenti (1996), Travaglia (2005), Irandé Antunes (2003, 2007). Assim constatou-se que na relação professor e aluno a linguagem usada em sala de aula é importante para que haja uma comunicação significativa em relação ao processo de aprendizagem das variações linguísticas, uma vez que se deve construir uma relação de igualdade e afetividade em sala de aula.

Palavras-chave: Variação Linguística; Preconceito Linguístico; Linguagem; Professor; Aluno.

ABSTRACT

The present research deals with the teacher and student relationship in the teaching of linguistic variations and linguistic prejudice in the 9th grade class of a school in the municipality of Penedo-Alagoas. The objective of this work was to raise a reflection on the challenges of building a language through linguistic variations and analysis of prejudice in the classroom, for a better relationship between teacher and student. As well as encouraging the teacher to reflect about the use of an innovative language in order to facilitate the teaching and learning process of linguistic variations. Because it is a field work and for better results than the work intended, questionnaires, interviews and field observations were made, where they were collected data for a better process of analysis and discussion. The work also shows the need to use a language that can bring teacher and student closer in the process of teaching linguistic variations to combat linguistic prejudice in the classroom and is based on theorists such as Marcos Bagno (1999, 2003, 2008), Sírío Possenti (1996), Travaglia (2005), Irandé Antunes (2003, 2007). Thus, it was found that the teacher-student relationship and language used in the classroom is important for there to be a significant communication in relation to the learning process of linguistic variations, since a relationship of equality and affection must be built in the classroom.

Keywords: Linguistic Variation; Linguistic discrimination; Language; Teacher; Student.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

GRÁFICOS

Gráfico 01 - Composição de Gênero.....	24
Gráfico 02 - Composição de Faixa Etária.....	25
Gráfico 03 - Consciência do Falar Diferente ou Não do Aluno.....	26
Gráfico 04 - Identificação ou Não do Uso de Variações.....	26
Gráfico 05 - Identificação do Preconceito Linguístico em Sala de Aula.....	27
Gráfico 06 - Consciência do Preconceito Linguístico nas Aulas.....	27
Gráfico 07 - Identificando a Liberdade de se Expressar nas Aulas.....	28
Gráfico 08 - Conscientização do Preconceito nas aulas de Língua Portuguesa.....	28
Gráfico 09 - Conscientização da Valorização da Cultura Regional do Aluno.....	29
Gráfico 10 - Identificando as Variações na Fala dos Alunos.....	30
Gráfico 11 - Identificando o Interesse em Palavras Diferentes.....	30
Gráfico 12 - Identificando a Relação Professor e Aluno em Sala de Aula.....	31
Gráfico 13 - Identificando o Interesse dos Alunos pelas Aulas de Língua Portuguesa.....	31

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	11
2. CONCEPÇÃO DE VARIAÇÃO LINGUÍSTICA E PRECONCEITO.....	15
3. VARIAÇÃO LINGUÍSTICA E PRECONCEITO EM SALA DE AULA	18
4. METODOLOGIA DA PESQUISA.....	23
5. APRESENTAÇÃO DOS DADOS.....	25
REFERÊNCIAS	42
APÊNDICE A – ROTEIRO DO QUESTIONÁRIO.....	43
APÊNDICE B – ROTEIRO DE ENTREVISTA.....	44
ANEXO A – AUTORIZAÇÃO DE PESQUISA	45
ANEXO B – DECLARAÇÃO DE PESQUISA	46

1. INTRODUÇÃO

“Rejeitar a língua é rejeitar a própria pessoa e a comunidade de que ela faz parte”. É com essa afirmação do professor-doutor e linguista, Marcos Bagno (2014), que iniciamos esse Trabalho de Conclusão de Curso, o qual se propõe a contribuir para uma reflexão do professor e suas práticas pedagógicas e a importância de possuir uma relação de confiança e respeito através do ensino das variedades linguísticas.

Durante o tempo de graduação, pudemos constatar, a partir de estágios, discussões, debates e pesquisas feitas em trabalhos anteriores que o uso de variações linguísticas desperta fortemente o preconceito linguístico nas instituições escolares, principalmente em salas de aula. Essa problemática parte principalmente de professores e alunos que se utilizam da norma padrão de falar para marginalizar, discriminar e envergonhar aqueles alunos excluídos que utilizam diversas variações linguísticas em suas falas, bastante diferentes das usadas nos meios sociais e culturais dos demais alunos.

Ao considerar a relação do professor e aluno, percebe-se que alguns profissionais ainda são lentos em suas ações do que diz a sua forma de conviver com tantas diferenças e diversidades em sala de aula, não respeitando a identidade e individualidade de cada aluno, por isso a importância do professor de língua portuguesa, trazer para sala de aula um repertório linguístico, o qual o aluno se reconheça e se sinta pertencente, não se utilizando apenas da gramática normativa, com conteúdo que o exclui mediante essa normatividade, pois, conforme Bagno:

A escola geralmente não reconhece a verdadeira diversidade do português falado no Brasil, impondo assim, sua linguística como se ela fosse, de fato, a língua comum a todos 160 milhões de brasileiros, independente da sua idade, de sua origem geográfica, de sua situação socioeconômica, de grau de escolarização. (BAGNO, 1999, p. 15).

Tal problemática nos motivou a realizar essa pesquisa, de forma que pudessemos investigar e descobrir como esse preconceito linguístico institucional, que pode ser superado na prática do ensino da língua portuguesa através do próprio professor, na sua relação com o seu aluno, a qual possa respeitar a identidade desse aluno, que possui uma gramática natural internalizada, que segundo Possenti, (1996, p. 69) são “[...] os conhecimentos que habilitam o falante a produzir frases ou

sequências de palavras de maneira tal que essas frases e sequências são compreensíveis e reconhecidas como pertencendo a uma língua”. E mais, que essa relação professor e aluno seja de troca de conhecimentos.

Diante do exposto, essa pesquisa foi desenvolvida em uma escola no Município de Penedo – Alagoas, tendo como público alvo os alunos do 9º ano “B” do ensino fundamental e seu professor de Língua Portuguesa. Essa escola foi escolhida primeiramente por causa da localização estratégica, por ficar mais próxima de outras comunidades e até da zona rural, acolhendo assim alunos de diversas classes sociais, que trazem consigo uma diversidade cultural e uma variação linguística bastante diversificada, além do intuito de conhecer as práticas pedagógicas do professor e suas metodologias. Percebemos que podemos ter uma visão mais ampla das variações linguísticas e do preconceito bem de perto, entre outras questões pertinentes com o problema de pesquisa.

Esse trabalho tem como objetivo principal promover uma reflexão sobre os desafios de se construir uma linguagem, através da análise das variações linguísticas e preconceitos existentes em sala de aula, para uma melhor relação professor e aluno. E seus objetivos específicos são de: a) Compreender que a língua é constituída por variações linguísticas e que elas devem ser respeitadas e ensinadas de acordo com as situações de comunicação e produção; b) Estimular o professor de Língua Portuguesa a usar de estratégias didáticas inovadoras a fim de facilitar o processo de ensino-aprendizagem; c) Refletir sobre o papel do professor na relação professor e aluno na transmissão dos conteúdos.

Em termos metodológicos essa é uma pesquisa aplicada de abordagem qualitativa, através da estratégia e requisitos do método etnográfico e descritivo, que estuda grupos de pessoas que enfatizam segundo Marconi e Lakatos (2017) “os sujeitos pesquisados independentes das teorias que sustente a descoberta”. Para os objetivos serem alcançados, elaboramos um roteiro de entrevista aberta informal, que faremos com o professor de Língua Portuguesa, assim como um roteiro de questionários que serão aplicados aos os alunos sujeitos da pesquisa.

A entrevista vai ser gravada e transcrita e seguirá cada etapa das perguntas, com técnica de observação intensiva, a qual vai auxiliar no relato da descrição da pesquisa, e apesar de ser um trabalho qualitativo, foi necessária muita compreensão

e sensibilidade com os objetos de estudos, pois cada sujeito observado ofereceu uma percepção diferenciada da situação pesquisada, o que proporcionou riqueza a este trabalho.

Cada sujeito questionado pode nos mostrar uma percepção de preconceito linguístico diferente, pois em uma mesma sala de aula, onde a diversidade é notória, cada um em suas respostas podem relatar momentos e realidade diferentes, o que reforça a importância dessa pesquisa.

No primeiro capítulo intitulado Concepções de Variação Linguística e Preconceito, apresentamos algumas concepções e discussões sobre a noção de variação linguística e preconceitos, pois a língua evolui e está em constante mudança. No ensino de língua portuguesa, essa evolução acarreta grandes desafios, tanto na comunicação quanto nas relações interpessoais, sociais e culturais, sejam elas entre professor e aluno, como nas relações aluno e aluno, atrelados a esses conceitos vêm referenciais teóricos que serviram de alicerce para a construção do trabalho.

A partir do segundo capítulo abordamos a variação e preconceito linguístico no contexto de sala de aula, onde tentamos entender a língua e sua variação, a importância de estudá-la, como também o preconceito arraigado nos professores, através das variantes utilizadas em sala de aula por seus alunos, associados a outros elementos que influenciam nessas relações como o ensino da gramática normativa e ainda como são percebidos pelo professor e alunos em sala de aula essas variantes.

Por conseqüente também apresentaremos a variação linguística e como elas são concebidas na relação professor e aluno, atentando para a legislação no que diz respeito aos currículos e seus conteúdos a serem passados em sala de aula, assim como a forma do docente transmitir esses conteúdos, e como essa forma pode influenciar as relações professor e aluno, além do interesse dos alunos nesses conteúdos.

Por fim, como resultados preliminares desse trabalho, esperamos que em sala de aula, o professor possa se identificar com seus alunos, de forma que estes possam se identificar no ensino da língua, e que a pluralidade linguística existente

não seja um requisito de afastamento na relação professor e aluno em sala de aula, mas um requisito que possibilite um vínculo contínuo, onde as variedades linguísticas sejam superadas, e assim o professor possa focar nas possibilidades de se reinventar, ou até se ressignificar no uso de suas práticas pedagógicas.

2. CONCEPÇÃO DE VARIAÇÃO LINGUÍSTICA E PRECONCEITO

A língua durante séculos vem evoluindo e se transformando em um instrumento de comunicação social transformador, que traz consigo mudanças significativas, que influenciam na vida de seus falantes, pois são variantes bem diferentes das recomendadas pelas gramáticas e normas impostas aos falantes como a única maneira “certa” de falar e escrever, uma língua que não pertence às classes sociais de maior prestígio, mas, a uma classe que usa variedades que consideram a diversidade do falante, denominada variação linguística.

Assim sendo, as variações linguísticas, são fenômenos que, segundo Bagno (2003) define muito bem quando afirma que é “[...] um rótulo único para designar uma multiplicidade de modos de falar decorrente da multiplicidade da sociedade e das culturas em que as línguas são faladas”, essa afirmação nos leva a uma integração cultural que influenciou esse fenômeno e deu poder à língua. Sendo assim, os avanços das pesquisas e os vários estudos feitos na área da linguística, durante décadas mostraram que a língua tem poder, e é um instrumento poderoso na comunicação e na oralidade, pois através dela acontece a interação e integração na sociedade e na cultura dos falantes. A sociedade muda e a língua se transforma.

O linguista Bagno (2013) diz, “que quando observamos a fala de uma única pessoa, é possível dizer que as línguas de um país têm o mesmo número de habitantes do território, pois tem muitos níveis de manifestação de variação linguística”, assim a fala, tem a variação linguística como uma de suas características, visto que são dinâmicas e integram os falantes, que têm a necessidade de comunicação específica e a liberdade de escolher a que mais atende ao seu interesse.

Diante dessa colocação, constatamos imediatamente que variação linguística se trata da diversidade ou das variantes utilizadas em uma língua falada, a qual sempre vai estar vinculada ao contexto sociocultural, geográfico e histórico, pois a língua é heterogênea e vem mudando conforme a necessidade do falante, pois as variações se adequam a situação dos discursos e do grupo em que nos encontramos, pois, “toda variedade linguística atende às necessidades da comunidade de seres humanos que a empregam” (BAGNO, 2006, p. 47), contudo

ainda existe muito preconceito linguístico com algumas pessoas, as quais não são aceitas na sociedade por seu modo de falar, ou por sua classe social, e quanto a isso Bagno afirma:

[...] que no Brasil, embora a língua falada pela grande maioria da população seja o português, esse português apresenta um alto grau de diversidade e de variabilidade, não por causa da grande extensão territorial do país - que gera as diferenças regionais, bastante conhecidas e também vítimas, algumas delas, de muito preconceito, mas principalmente na causa da trágica injustiça social que faz do Brasil o segundo país com a pior distribuição de renda em todo mundo. (BAGNO, 2003, p.16).

Conseqüentemente nessa situação de desigualdade e diferenças sociais, professores e alunos são vítimas do preconceito linguístico, principalmente quando direcionamos essas desigualdades para dentro da sala de aula, onde alunos frequentam a escola, sem imaginar que deverão adequar seus discursos, pois é na escola que as variações linguísticas, são ouvidas e expressadas em diversas situações de interação como parte do repertório linguístico de alguns alunos, que por muitas vezes não são entendidos.

Por isso o professor deve ser um mediador desse repertório, orientando e ensinando os “porquês” dessas variações, sem ter que vincular o “certo” e “errado”, ademais, segundo Antunes:

É preciso reprogramar a mente de professores, pais e alunos em geral, para enxergarmos na língua muito mais elementos do que simplesmente erros e acertos de gramática e de sua terminologia. De fato, qualquer coisa que foge um pouco do uso mais ou menos estipulado é visto como erro, as mudanças não são percebidas como “mudanças”, são percebidas como erro. (ANTUNES, 2007, p.23).

Baseando-se nessa afirmação, a gramática normativa não é a única forma de falar, ou de se expressar, visto que os alunos não precisam se sentir constrangidos ou inferiores, por causa de sua linguagem, pois como afirma Antunes (2007, p.23), “percebemos que é nessa concepção onde ocorre o preconceito linguístico, por acreditar que aquele que não domina as regras de gramática, este por sua vez não sabe se comunicar adequadamente”, o que na realidade, é somente a falta de entendimento de alguns sujeitos, que por muitas vezes desconhecem ou não levam em conta as variações linguísticas ao seu redor.

Isso nos leva então, a um importante ponto sobre o preconceito e a variação linguística, onde o docente se depara com de alguns desafios de comunicação e relações interpessoais existentes em sala de aula, pois a responsabilidade desse

profissional é de proporcionar conhecimento das diversas variedades linguísticas aos seus alunos, através do uso de práticas pedagógicas e metodologias de interação, para que o preconceito linguístico não se instale em sala de aula, devido ao contexto comunicativo diferente dos padrões exigidos pela gramática, como também pela diversidade cultural e regional, existente no ambiente escolar, só assim o processo de ensino da língua portuguesa, será dentro dos padrões abordados pela BNCC, quando expressa os seguintes aspectos:

Conhecer algumas das variedades linguísticas do português do Brasil e suas diferenças fonológicas, prosódicas, lexicais e sintáticas, avaliando seus efeitos semânticos. Discutir, no fenômeno da variação linguística, variedades prestigiadas e estigmatizadas e o preconceito linguístico que as cerca, questionando suas bases de maneira crítica. (BRASIL, 2017, p.83).

Dessa maneira compete a todos os envolvidos no universo escolar ter uma visão mais profunda do preconceito linguístico e questiona-lo, “porque em grande medida é invisível, no sentido de que quase ninguém se apercebe dele”, Bagno (2009, p.23), é velado por brincadeiras e palavras humilhantes, de sujeitos que acreditam que a única língua certa é a da gramática, assim:

O preconceito linguístico se baseia na crença de que existe [...] uma única língua portuguesa digna deste nome e que seria a língua ensinada nas escolas, explicada nas gramáticas e catalogada nos dicionários. Qualquer manifestação linguística que escape desse triângulo escola-gramática-dicionário é considerado, sob a ótica do preconceito linguístico, “errada, feia, estropiada, rudimentar, deficiente”. (BAGNO, 1999, p.40).

Mas esse preconceito pode ser combatido, através de uma conscientização, de um aprendizado que condiz com a realidade do aluno e através de uma “política linguística oficial, planejada, explícita, teoricamente bem fundamentada, [...], que defenda e valorize a diversidade linguística do português brasileiro” (BAGNO, 2009, p. 24). Assim a relação de professor e aluno seria construída com base no respeito à diversidade cultural e regional de cada indivíduo em sala de aula,

É válido dizer que as variações linguísticas não devem ser ignoradas, como acontece muitas vezes nas escolas, pois estão sempre presentes no dia a dia do docente e do aluno, visto que são verdadeiras identidades culturais que revelam a diversidade que cada aluno possui, assim, vale pontuar que a escola é o espaço principal para trabalhar essas variações linguísticas de várias formas, de modo que a língua possa ser concretizada e ouvida por todos em sua heterogeneidade.

3. VARIAÇÃO LINGUÍSTICA E PRECONCEITO EM SALA DE AULA

Neste capítulo, abordaremos sobre a variação e o preconceito existentes em sala de aula.

Conforme abordado no capítulo anterior, vimos o conceito de variação e preconceito linguístico. Nesse sentido, é de extrema relevância, o ensino das variações linguísticas nas escolas, porque é através dessas variantes que os alunos se reconhecem e conhecem as diversas formas de se comunicar, apesar de ainda ser feito de forma a distanciar o professor e aluno, pois é trazido para a sala de aula de maneira equivocada, o professor de língua portuguesa não leva em conta que seus alunos já sabem falar, ou seja, se comunicar.

A língua é colocada através de normas e regras, em uma série de frases soltas, desconexas e antiquadas, ensinam uma língua única e uniforme, e não percebem que essa língua é desconhecida para a maioria de seus alunos, não a reconhece nem a compreende. São profissionais presos a conceitos e regras de uma gramática normativa que desvaloriza a gramática internalizada de seus alunos, para Antunes (2003), os professores não ensinam e nem trabalham a fala em sala de aula, o que serve de ponte para os diversos “erros” no que diz respeito a gramática.

Por tanto a Base Nacional Comum Curricular afirma que é necessário “Compreender a língua como fenômeno cultural, histórico, variável, heterogêneo e sensível aos contextos de uso, reconhecendo-a como meio de construção de identidades de seus usuários e da comunidade a que pertencem” (BNCC, p. 87), para que se possa respeita a língua do usuário que é sua identidade, visto que só assim o ensino da língua portuguesa nas instituições escolares, através de seus docentes, vai cumprir o seu papel social, de respeitar os bens culturais dos seus alunos e a sua própria variedade regional. .

Assim uma vez que a função da escola é de abolir todo e qualquer tipo de preconceito linguístico, através da prática da adequação linguística, considerando o ato comunicativo de acordo com a situação enunciativa, extinguindo a noção de “erro” nas aulas de Língua Portuguesa, para que o aluno se sinta confiante e sem receio na hora de se expressa, pois o ensino da língua materna se apresenta através da gramática como um livro fechado o qual mostra a língua sem transformação e engessada, Bagno explica:

A gramática normativa tenta nos mostrar a língua como um pacote fechado, um embrulho pronto e acabado. Mas não é assim. A língua é viva, dinâmica, está em constante movimento – toda língua viva é uma língua em decomposição e em recomposição, em permanente transformação. (BAGNO, 2009, p.142).

Por isso durante décadas os linguistas vêm buscando através de suas pesquisas, estudos e teorias, demonstrar o verdadeiro quadro da linguística no Brasil e principalmente o quando a língua é viva e está em constante transformação no que se refere ao respeito às variações linguísticas e seus falantes, tentando fazer com que todos os envolvidos no ambiente escolar possam refletir e ter uma concepção menos tradicionalista sobre o ensino da língua materna nas instituições escolares, isso não significa que o ensino da gramática é errado e ultrapassado, mas, não deve ser focado apenas nos detalhes das classes gramaticais, para que se possa ler e escrever “certo” conforme Antunes esclarece:

[...] um dos maiores equívocos consiste em se acreditar que o conhecimento da gramática é suficiente para se conseguir ler e escrever com sucesso os mais diferentes gêneros de texto, conforme as exigências da escrita formal e socialmente prestigiada. (ANTUNES, 2007, p. 53).

Nesse sentido, pode-se afirmar que o professor deve ter como prioridade em suas aulas de língua portuguesa, a valorização das variações linguísticas de seus alunos, e suas competências linguísticas, pois são essas variações e competências que fazem com que o ensino da língua seja significativo, pois os docentes devem se utilizar das linguagens e conhecimentos prévios de seus alunos como instrumento de aprendizagem, pois através da troca desses conhecimentos, professor e aluno constroem juntos novos conhecimentos.

Antunes (2003, p.36) fala sobre o novo perfil do professor, “um professor pesquisador que está construindo constantemente o conhecimento com os seus estudantes para aperfeiçoar a sua prática e exercer seu papel social mediante o ensino de Língua Portuguesa”, nesse sentido as concepções antigas e preconceituosas daria espaço a aprendizagem significativa.

.Nessa perspectiva o ensino da língua materna, vai muito além do conhecimento de regras e conteúdos gramaticais, apesar de ser importante conhecer cada uma dessas regras, pois ajudar na competência da comunicação do aluno, isto é, “a capacidade de o falante empregar adequadamente a língua nas diversas situações de comunicação” (Travaglia, 1996, p.108), o que significa trazer uma visão de mundo, através das diversidades dos discursos, e dos diversos tipos

de textos, em sala de aula, perdendo assim a concepção que língua e gramática é uma coisa só, pois Antunes (2007) esclarece quando afirma que:

A concepção de língua e gramática é uma coisa só deriva do fato de, ingenuamente se acreditar que a língua é constituída de um único componente: A gramática. Por essa ótica saber uma língua equivale, a saber, sua gramática; ou, por outro lado saber a gramática de uma língua equivale a dominar totalmente essa língua. É o que se revela, por exemplo, na fala das pessoas quando dizem que “alguém não sabe falar”. Na verdade, essas pessoas estão querendo dizer que esse alguém “não sabe falar de acordo com a gramática da suposta norma culta”. (ANTUNES, 2007, p.39).

Portanto ensinar a língua materna se torna cada vez mais desafiador para o docente, e por isso, se faz necessário, que a escola que é um espaço de interação, reflita sobre as diversidades de seus alunos, assim fazer com que seus docentes coloquem em prática não só os seus conhecimentos de normas e regras normativas, mais também seus conhecimentos sobre as variações linguísticas e suas concepções, a fim de ampliar através de suas práticas pedagógicas as competências de seus alunos, pois a língua está sempre em evolução, e para isso seus professores devem se desligar de preconceitos e concepções tradicionais, conforme aconselha Bagno:

Da parte do professor em geral, e do professor de língua em particular, essa mudança de atitude reflete na não aceitação de dogmas, na adoção de uma nova postura (crítica) em relação a seu próprio objeto de trabalho: a norma culta. “Diante da velha doutrina gramatical normativa, o professor não deveria limitar-se a transmiti-la tal e qual se encontra compendiada nos manuais gramaticais ou nos livros didáticos” (BAGNO, 2004, p.115).

Diante disso o professor deve ter seu próprio conhecimento, ser autônomo em sua forma de ensinar a língua portuguesa, não pode deixar que o preconceito linguístico cause o silenciamento dos seus alunos referente ao uso de suas variantes linguísticas em sala de aula, pois devem se comunicar, por isso se faz necessário, ter suas próprias práticas pedagógicas as quais, devem estar bem alicerçadas teoricamente, para que seus alunos possam se identificar em sala de aula, como afirma Bagno:

[...] em vez de REPRODUZIR a tradição gramatical, o professor deve PRODUIR seu próprio conhecimento da gramática, transformando-se num pesquisador, num orientador de pesquisas a ser empreendidas em sala de aula, junto com seus alunos. (BAGNO, 2011, p. 142 - grifo do autor).

Com base nesses conhecimentos, surgem outras questões que influenciam o ensino da língua materna, o preconceito linguístico e a variação linguística, quanto

ao não reconhecimento dos mesmos em suas instituições escolares, pois muitas, não admitem que o português não padrão seja uma variedade linguística da Língua Portuguesa, e com isso vem a não aceitação das diferenças linguísticas e diversidade dos alunos, que sofrem um preconceito de alunos que não se identificam com as variedades linguísticas e de professores que não aceitam as variantes de seus alunos. Para isso, Bagno afirma que:

É preciso, portanto, que a escola e todas as demais instituições voltadas à educação e à cultura abandonem esse mito da “unidade” do português no Brasil e passem a reconhecer a *verdadeira diversidade linguística de nosso país* para melhor planejarem suas políticas de ação junto à população amplamente marginalizada dos falantes das variedades não padrão. O reconhecimento da existência de muitas normas linguística é fundamental para que o ensino em nossas escolas seja consequente com o fato comprovado de que a norma linguística ensinada em sala de aula é, em muitas situações, uma “língua estrangeira” para o aluno que chega à escola proveniente de ambientes sociais onde a norma linguística empregada no cotidiano é uma variedade de português não padrão. (BAGNO, 1999, p.18-19).

A partir desse contexto o ensino da Língua Portuguesa nas salas de aulas, ao se referir as variações linguísticas, deve ser reconhecido e aplicado através de atividades democráticas e reflexivas para que os alunos possam se sentir à vontade, para interagir com o professor e com os outros alunos da sala da aula, assim o professor fica sendo o protagonista das transformações que deve ocorrer no ensino da língua materna. Mas, para isso é necessário que se repense, as práticas pedagógicas e as metodologias do docente, e acima de tudo, se tenha um amparo legal, o qual os Parâmetros Curriculares Nacionais, doravante PCN, nos fornecem quando afirma que:

É importante que o aluno, ao aprender novas formas linguísticas, particularmente a escrita e o padrão de oralidade mais formal orientado pela tradição gramatical, entenda que todas as variedades linguísticas são legítimas e próprias da história e da cultura humana. Para isso, o estudo da variação cumpre papel fundamental na formação da consciência linguística e no desenvolvimento da competência discursiva do aluno, devendo estar sistematicamente presente nas atividades de Língua Portuguesa. (PCNs, 1998, p. 81-2).

Levando em conta os PCNs, podemos compreender o quando o ensino da língua materna é importante para que os alunos aprendam as variantes linguísticas, e como deve ser aplicado de modo a respeitar as competências desses alunos. Mas a tradição gramatical existe e se perpétua por séculos nas instituições escolares e nas salas de aulas, situação cada vez mais desafiadora nas aulas de Língua Portuguesa e principalmente no relacionamento professor e aluno em sala de aula.

Desta forma fica cada vez mais evidente o quando se faz necessário o docente reformular seus pensamentos tradicionais e arcaicos em relação ao ensino da língua materna, se reinventar, e valorizar as variações linguísticas de seus alunos, e cada dia mais refletir sobre uma forma significativa de ensinar.

4. METODOLOGIA DA PESQUISA

Para o desenvolvimento desse trabalho utilizamos a pesquisa etnográfica de caráter descritivo, “pois a preocupação da etnografia é obter uma descrição mais densa, possível sobre um grupo particular de pessoas e o significado das perspectivas imediatas que eles têm do que fazem”, (MATTOS E CASTRO, 2011, p.10). Bem como para obter as informações ainda mais precisas, empregamos uma observação sistemática, junto com a pesquisa de campo, pois entendemos que a mesma, é a que melhor objetiva coletar respostas sobre o problema apresentado no trabalho.

Pois segundo Marconi e Lakatos (2007, p.83) a pesquisa de campo é “[...] aquela utilizada com o objetivo de conseguir informações, e ou conhecimento acerca de um problema para o qual se procura resposta”. No nosso caso, o objetivo está implicado em uma reflexão sobre os desafios de se construir uma linguagem através da análise das variações linguísticas e preconceitos existentes em sala de aula, a fim de reconhecer como estabelecer melhor essa relação professor e aluno.

Convém destacar que esse trabalho surgiu através de algumas discussões e experiências vivenciadas em nossos estágios supervisionados, além de debates e atividades em sala de aula que nos mostraram que a relação entre o professor e aluno era de distanciamento devido a sua linguagem em sala de aula, pois o seu posicionamento em relação às variações linguísticas, incentivava o preconceito linguístico entre seus alunos.

Assim para a realização desse trabalho foi escolhida uma Escola do Município de Penedo- Alagoas, escola a qual foi feito um levantamento minucioso para a realização da pesquisa, onde foi considerada a estrutura física do prédio, o bairro em que está localizada, a faixa etária dos alunos, suas diferentes classes sociais, sua pluralidade linguística, como também o reconhecimento da forma como se identificam entre si, devido a muitos deles residirem na zona rural e em bairros periféricos da cidade.

Essas informações foram bastante valiosas para o planejamento dos instrumentos que iriam ser utilizados na coleta dos dados da pesquisa, logo após esse levantamento, foi feito um roteiro de questionário (Apêndice A)

semiestruturado, o qual foi realizado com os alunos do 9º ano, a fim de compreender sua visão e suas vivências em sala de aula em relação às variações linguísticas e o preconceito, assim como sua relação com a professora de língua portuguesa. O roteiro (apêndice A) possui 11 perguntas nas quais foram elaboradas dentro do tema que estavam sendo investigados na ocasião.

Porém também foi feito um roteiro de entrevista (Apêndice B) semiestruturada que foi realizada com a professora de língua portuguesa do 9º ano, a fim de entender que tipo de relação a professora de língua portuguesa tinha com seus alunos e a compreensão dela sobre as variações linguísticas e o preconceito em sala de aula e a que ponto eram valorizadas nessas relações. O roteiro (apêndice B) possui 12 perguntas que envolvem as mais variadas situações dentro do tema que foi investigado na pesquisa.

As perguntas foram elaboradas de forma clara e objetiva, para facilitar o entendimento e aplicação com os alunos em sala de aula, para que pudessem ter fluidez na hora da leitura e na marcação das respostas, assim também foram as perguntas da entrevista da professora, a fim de obter maior grau de fidelidade nas respostas as quais deveriam ser respondidas de forma precisa e esclarecedora, bem como facilitar a interpretação dos dados que iriam ser coletadas. E mesmo quando houve dificuldade no entendimento das perguntas havia a repetição para melhor entendimento

Os questionários foram aplicados aos trinta e cinco alunos do 9º ano do turno vespertino de uma escola no município de Penedo-Alagoas os quais foram analisados no recolhimento dos dados, já a entrevista foi realizada com a professora da mesma turma da pesquisa no 9º ano , apesar de não ter sido permitida a filmagem por parte da professora, foi permitida a transcrição, o que foi feita com o maior grau de fidelidade das respostas, para uma pesquisa qualitativa, assim como para a análise e interpretação dos dados que foram coletados, sem nenhum prejuízo.

Sendo assim, essa foi a metodologia escolhida para embasamento desse trabalho, uma vez que esses instrumentos de pesquisa são os que melhor se ajustam para obtenção dos dados.

5. APRESENTAÇÃO DOS DADOS

A aplicação dos questionários junto com a entrevista e a pesquisa de campo foi realizada em uma escola no município de Penedo- Alagoas, no período de 03 meses, contando a partir do levantamento de dados da escola até o término da entrevista com a professora de Língua Portuguesa, onde contamos com sua presença em todas as horas que a pesquisa foi realizada.

Contamos com algumas dificuldades no começo, devido à pandemia do (COVID 19), pois só fomos autorizadas a realizar a pesquisa, algumas semanas depois de falarmos com a direção da escola, visto que a escola estava se adaptando aos protocolos exigidos pelo Estado, assim as observações, foram feitas em cima de protocolos rigorosos, mas os objetivos da pesquisa foram alcançados, realizando a pesquisa de modo presencial, tivemos mais disponibilização de informações e confiabilidade no resultado dos dados, o que ocorreu com sucesso.

Assim, depois de algumas semanas de pesquisa e observação em sala de aula, os questionários foram aplicados, em duas etapas, a primeira com 50% da turma e a outra com mais 50% da turma, pois a turma estava separada devido aos protocolos exigidos por causa da pandemia (COVID 19). Assim antes de cada aplicação do questionário houve uma conversa com os alunos, onde esclarecemos o objetivo do questionário e como deviam responder, todos entenderam e não fizeram nenhuma objeção em participar.

Os questionários foram respondidos pelos trinta e cinco alunos do 9º ano do Ensino Fundamental, do turno vespertino, os quais fazem parte de uma turma bem diversificada culturalmente e socialmente, com faixa etária entre 14 a 16 anos, diversidade que facilitou as perguntas, já à entrevista com a professora foi bastante esclarecedora o que ajudou muito na análise dos dados, apesar da docente colocar algumas dificuldades para realizá-la.

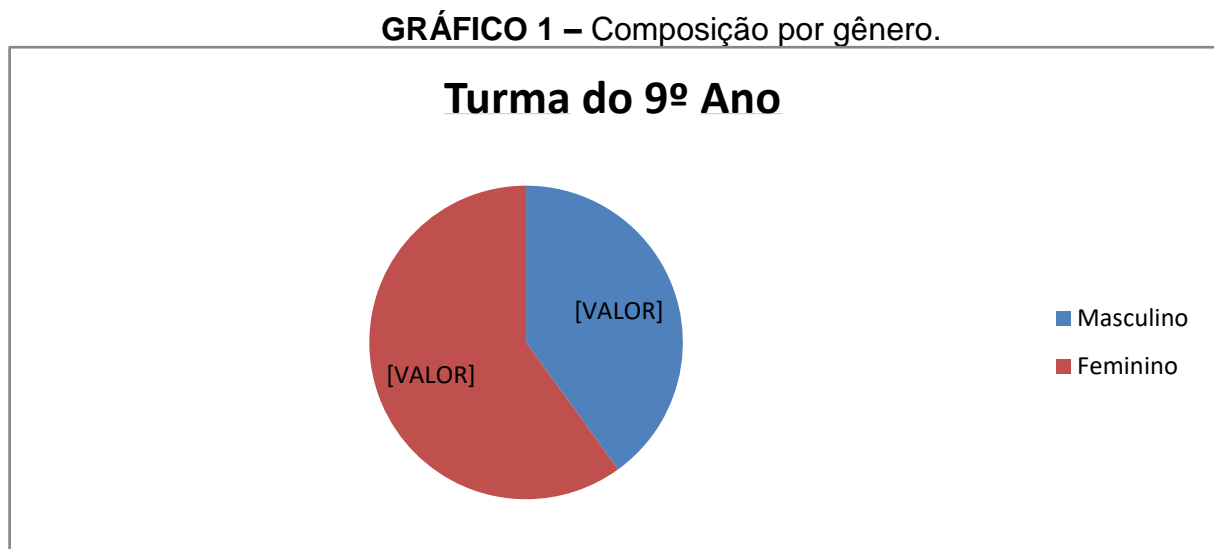
Porém, em relação ao nosso trabalho em sala de aula a professora foi muito amistosa, nos deixou muito a vontade pudemos observar e anotar todos os fatos decorrentes na fala, nos gestos, e nas atitudes de cada aluno, no nosso diário, assim como a professora de Língua Portuguesa, se comportava em frente aos seus

alunos em suas aulas e o quanto se relacionava com esses alunos, observação essa que foi importante para os resultados da pesquisa.

Ressaltamos ainda que a professora estava em sala de aula nos auxiliando do que fosse necessário, principalmente para que os alunos respondessem com exatidão as perguntas dos questionários, isso aconteceu nas duas etapas, o que foi bastante positivo, pois vimos nas reações dos alunos e da professora, alguns gestos positivos para nossa análise.

Assim na aplicação dos questionários, além de coletarmos dados essenciais para o resultado da pesquisa, conseguimos dados que nos ajudaram na descrição do perfil dos sujeitos envolvidos na pesquisa. Dessa maneira segue os gráficos que nos auxiliaram nessa descrição como gêneros e faixas etárias.

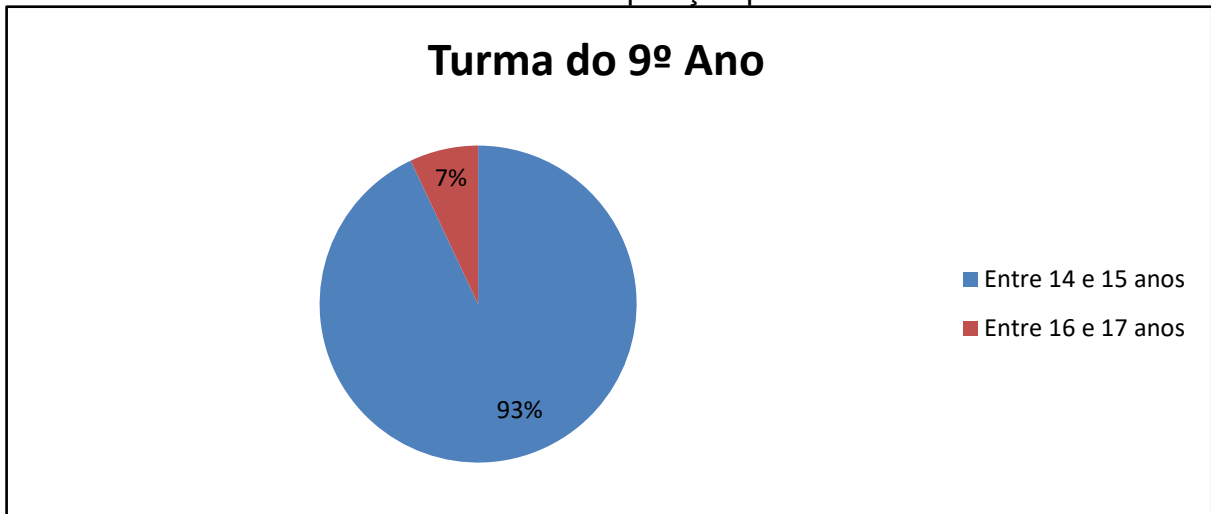
Gráfico 1 – o gráfico mostra a composição por gênero da turma do 9º Ano de uma escola no município de Penedo-Alagoas.



Fonte: Elaborado pelas autoras (2021).

O gráfico nos mostra como é composta a turma do 9º ano em relação a faixa etária, com um total de 35 alunos, onde 60% dos discentes são pertencentes ao gênero feminino e 40% dos discentes são pertencentes ao gênero masculino. Desta forma notamos que o gênero feminino predomina na turma do 9º ano.

Gráfico 2 – O gráfico mostra a composição da faixa etária da turma do 9º Ano do Ensino Fundamental de uma escola no município de Penedo-Alagoas.

GRÁFICO 2 – Composição por faixa etária.

Fonte: Elaborado pelas autoras (2021).

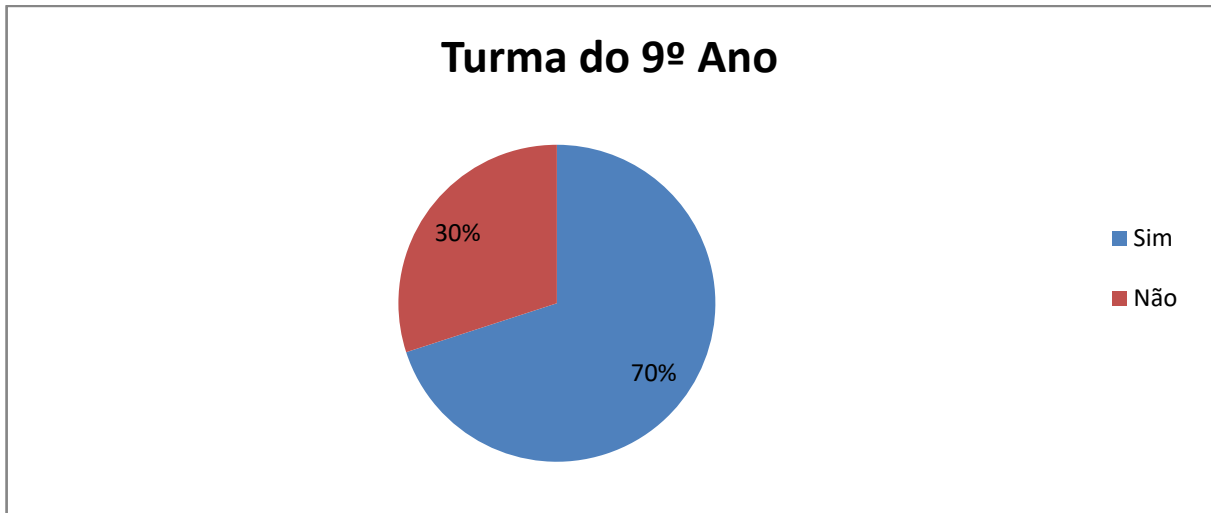
O gráfico 2 mostra a composição da turma do 9º ano em relação à faixa etária, sendo 93% de alunos pertencentes à faixa etária entre 14 e 15 anos e 7% de alunos entre 16 e 17 anos. Percebemos, com isso, que os alunos estão, de certa forma, dentro da faixa etária regular.

A fim de investigarmos a relação professor e aluno do que se refere ao uso das variações linguísticas e o preconceito linguístico em sala de aula, dos alunos do 9º ano de uma escola no município de Penedo-Alagoas nas aulas de língua portuguesa, foi utilizado como instrumento de coleta, a aplicação de questionários com doze 12 questões abertas, as quais facilitaram a coleta e análise dos dados.

Os gráficos a seguir, apresentam os resultados obtidos após a leitura analítica de todos os dados coletados nos questionários, os quais apresentam de forma clara e direta as respostas dadas por todos os alunos da turma do 9º ano, ou seja, sem distinção de faixa etária ou gênero, todos foram incluídos na pesquisa, assim sendo, os questionários foram aplicados de maneira que seus resultados fossem comparados e analisados com a entrevista feita com a professora de língua portuguesa da turma. Assim as respostas seriam analisadas se haveria semelhança ou não com as respostas dos alunos.

Gráficos 3 – RESPOSTA DOS ALUNOS À PERGUNTA: Você acha que fala “diferente” dos demais colegas de sua sala de aula ou de sua professora de Língua Portuguesa?

GRÁFICO 3 – Consciência do falar diferente ou não do aluno.

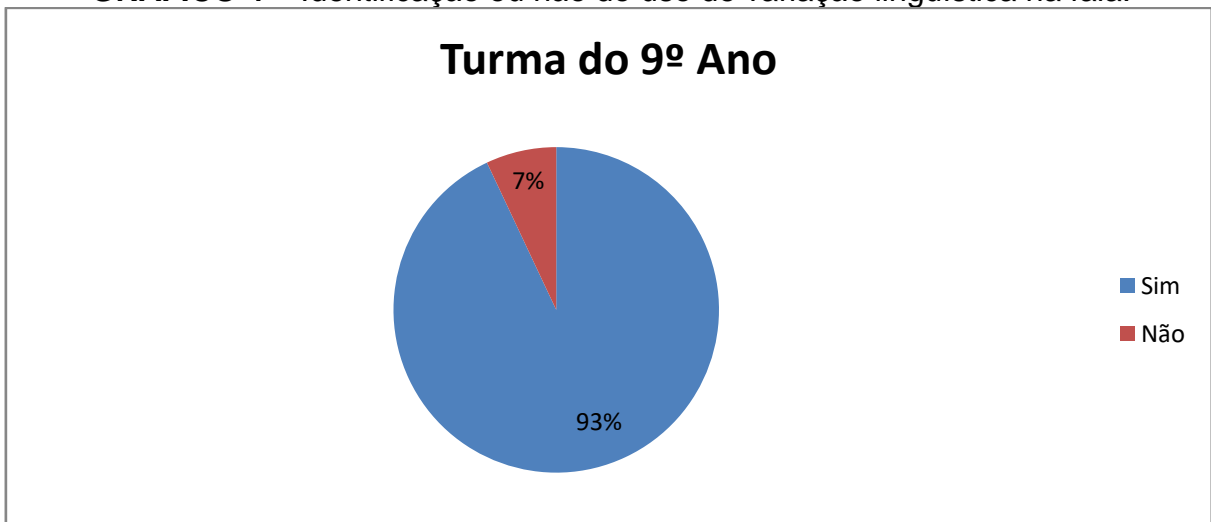


Fonte: Elaborado pelas autoras (2021).

O gráfico 3 mostra que 70% dos alunos do 9ºano acham que falam diferente dos colegas e da professora e 30% não acham que fala diferente nem dos colegas nem da professora.

Gráfico 4 – RESPOSTA DOS ALUNOS À PERGUNTA: Alguma vez em sala de aula você falou alguma palavra “diferente” e o professor de Língua Portuguesa ou um colega o corrigiu?

GRÁFICO 4 – Identificação ou não do uso de variação linguística na fala.

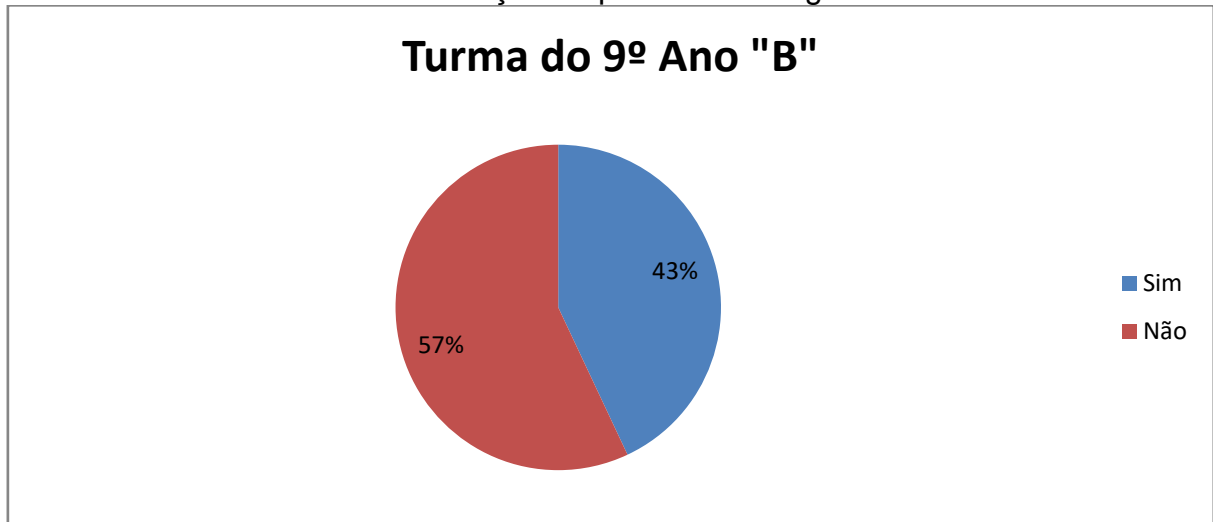


Fonte: Elaborado pelas autoras (2021).

O gráfico 4 mostra que 93% dos alunos foram corrigidos pelo professor de língua portuguesa e algum colega em sala de aula e 7% marcaram que nunca foram corrigidos em sala de aula.

Gráfico 5 – RESPOSTA DOS ALUNOS À PERGUNTA: Por causa do seu modo de falar você já foi vítima de chacota ou de comentários desagradáveis na escola?

GRÁFICO 5 – Identificação do preconceito linguístico na escola.

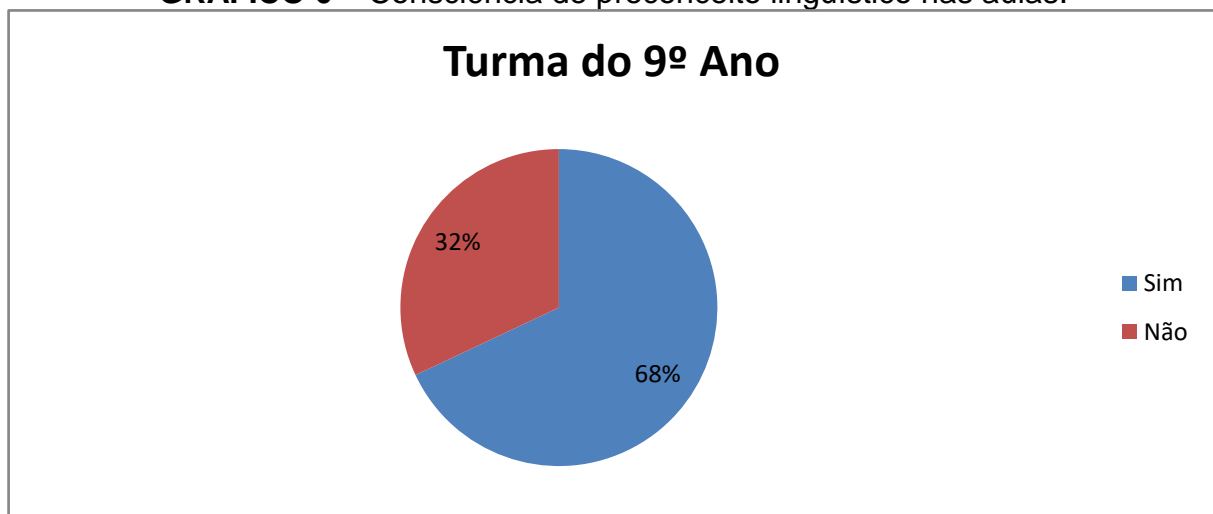


Fonte: Elaborado pelas autoras (2021).

O gráfico 5 mostra que 43% alunos já foram vítimas de chacota e comentários desagradáveis na escola pelo seu modo de falar, enquanto 57% nunca foram vítimas de chacota nem de comentários desagradáveis na escola.

Gráfico 6 - RESPOSTA DOS ALUNOS À PERGUNTA: Durante as aulas de língua portuguesa você já deixou de participar por se sentir inibido por causa do preconceito linguístico por seu modo de falar?

GRÁFICO 6 – Consciência de preconceito linguístico nas aulas.

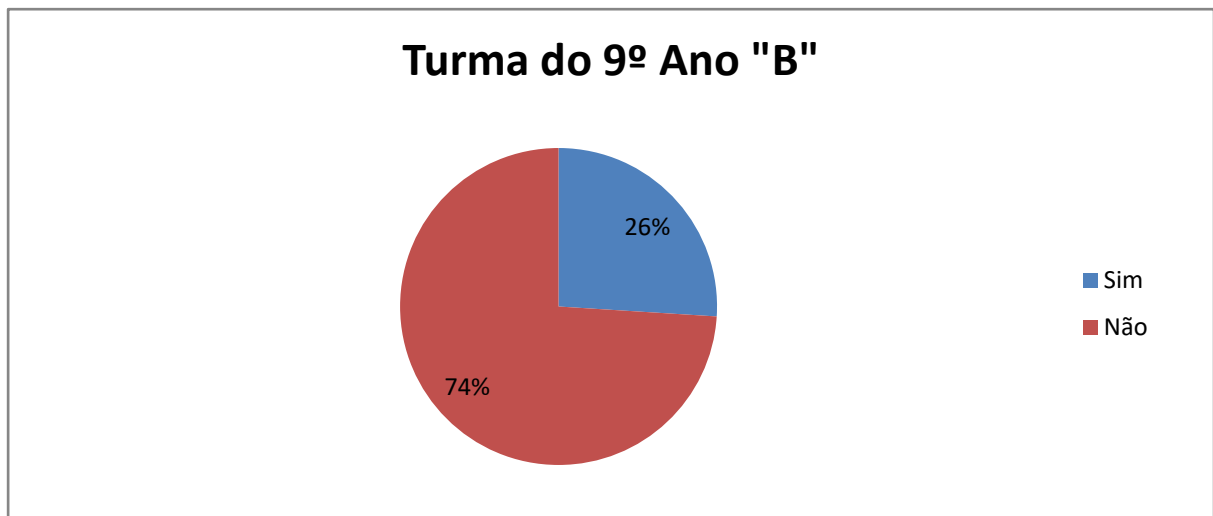


Fonte: Elaborado pelas autoras (2021).

O gráfico 6 mostra que 68% dos alunos deixaram de participar das aulas de Língua Portuguesa por se sentirem inibidos por causa do preconceito linguístico devido ao seu modo de falar, enquanto 32% dos alunos não se sentem inibidos por causa do preconceito linguístico e seu modo de falar e participam da aula.

Gráfico 7 - RESPOSTA DOS ALUNOS À PERGUNTA: Você tem liberdade de fazer perguntas nas aulas de Língua Portuguesa, quando você tem dúvidas?

GRÁFICO 7 - Identificando a liberdade de se expressar nas aulas.



Fonte: Elaborado pelas autoras (2021).

Gráfico 7 mostra que 74% dos alunos não se sentem com liberdade para tirar suas dúvidas nas aulas de língua portuguesa, enquanto 26% disseram ter liberdade para fazerem suas perguntas.

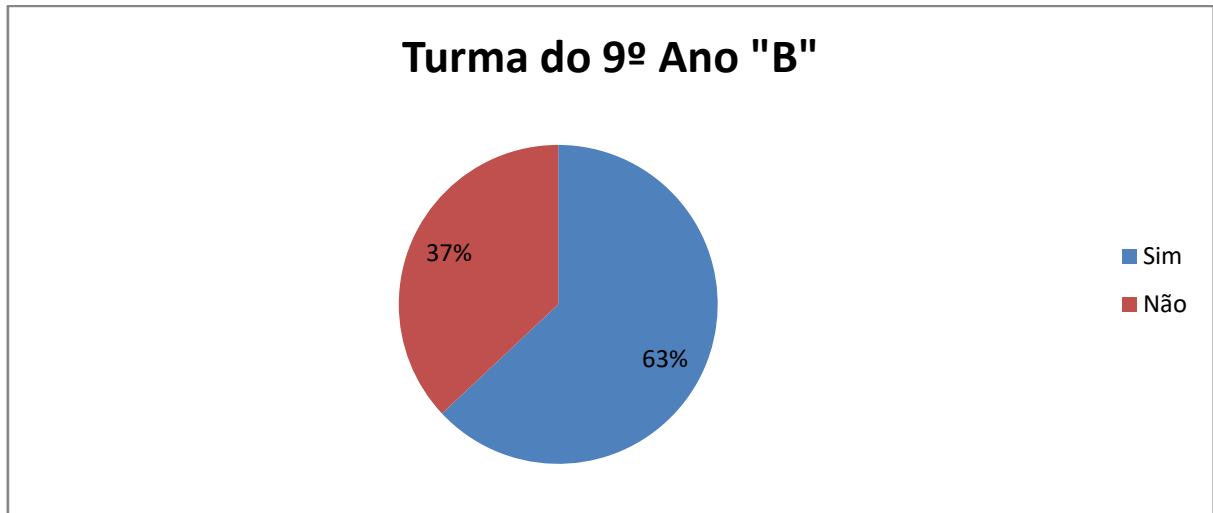
Alguns dos alunos que responderam que não se sentem com liberdade para tirar suas dúvidas nas aulas de língua portuguesa, e que fazem parte dos 74%, justificaram suas respostas ao lado, afirmando que a professora, não gosta ou briga com eles, toda vez que vão falar o que podemos interpretar ou deduzir dessa justificativa, é que a docente não deixa alguns alunos interagirem em suas aulas.

Por isso os alunos não se sentem com liberdade para participar e interagir nas aulas de língua portuguesa.

Já os 26% dos alunos que afirmam ter liberdade para fazerem perguntas nas aulas de língua portuguesa, não deram nenhuma justificativa.

Gráfico 8 - RESPOSTA DOS ALUNOS À PERGUNTA: Você acha que o preconceito linguístico atrapalha no seu desenvolvimento nas aulas de Língua Portuguesa?

GRÁFICO 8 – Conscientização do preconceito nas aulas de língua portuguesa.

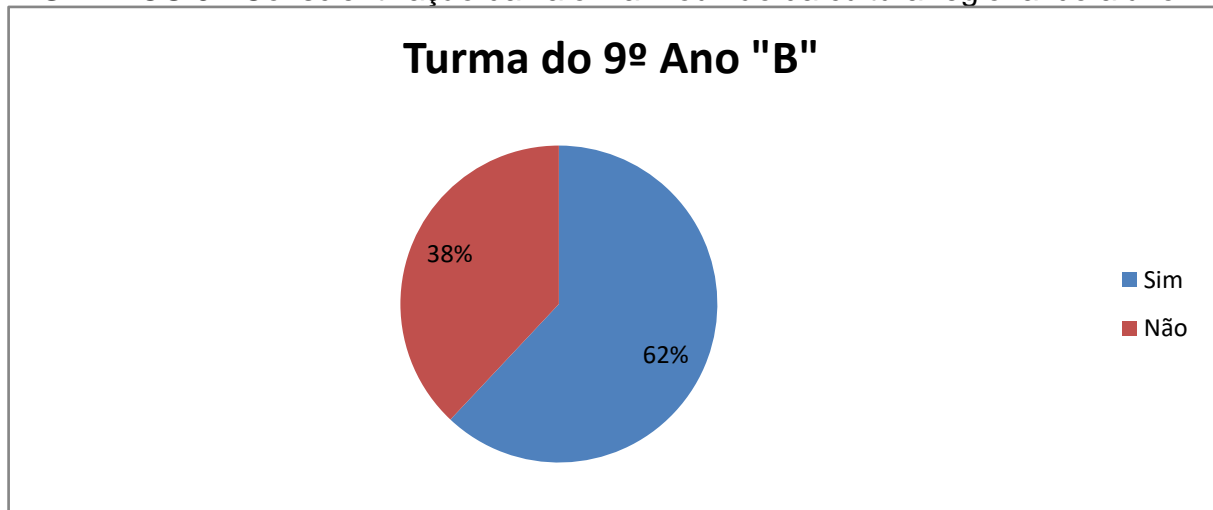


Fonte: Elaborado pelas autoras (2021).

O gráfico 8 mostra que 63% dos alunos acham que o preconceito linguístico atrapalha seu desenvolvimento das aulas de língua portuguesa, enquanto 37% afirmam que o preconceito linguístico não atrapalha seu desenvolvimento nas aulas de língua portuguesa.

GRÁFICO 9 – RESPOSTA DOS ALUNOS À PERGUNTA: Seu professor de Língua Portuguesa valoriza sua cultura regional em sala de aula?

GRÁFICO 9 - Conscientização da valorizam ou não da cultura regional do aluno.



Fonte: Elaborado pelas autoras (2021).

O gráfico 9 mostra que 62% dos alunos afirmam que a professora de Língua Portuguesa valoriza a cultura regional de cada aluno em sala de aula, enquanto 38% dos alunos afirmam que a professora não valoriza a cultura regional em sala de aula.

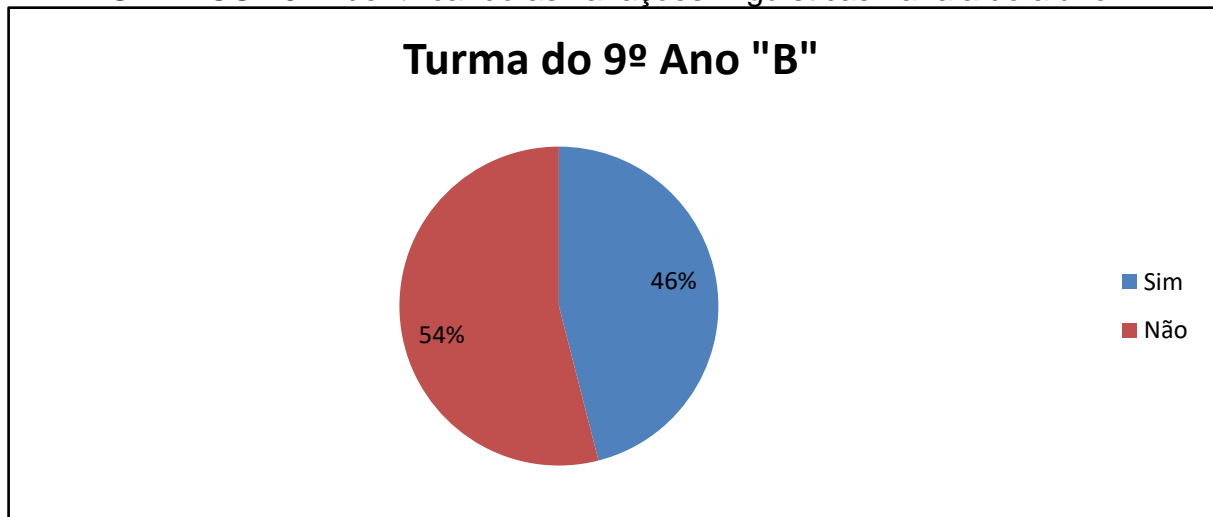
A pergunta sobre cultura regional é muito relevante e de muita importância para os resultados dos dados que foram coletadas nessa pesquisa, pois através

desse resultado podemos entender o comportamento da professora em relação aos seus alunos, como ela valoriza as variações linguísticas individualmente e não apenas coletivamente.

Por isso vale ressaltar que ao ler essa pergunta surgiram várias dúvidas em relação a cultura regional, poucos alunos sabiam o que a pergunta se referia, e antes que pudéssemos responder a professora entrevistou e respondeu.

Gráfico 10 - RESPOSTA DOS ALUNOS À PERGUNTA: Você já se sentiu envergonhado ao falar nas aulas de Língua Portuguesa devido ao uso das variações linguísticas no seu modo de falar?

GRÁFICO 10 – Identificando as variações linguísticas na fala do aluno.

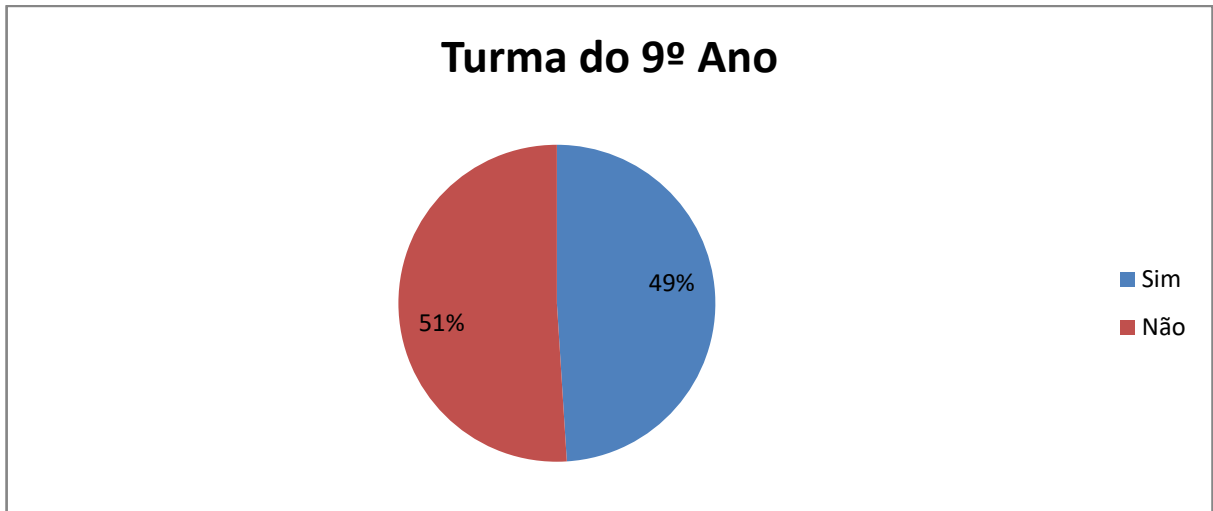


Fonte: Elaborado pelas autoras (2021).

O gráfico 10 mostra 54% dos alunos não se sentem envergonhados, ao falar nas aulas de língua portuguesa devido ao uso das variações em seu modo de falar, enquanto 46% sentem-se envergonhados devido ao seu modo de falar.

Gráfico 11 - RESPOSTA DOS ALUNOS À PERGUNTA: Ao ouvir uma palavra “diferente” em sala de aula do seu modo de falar, você pergunta a professora o que significa?

GRÁFICO 11 – Identificando interesse em palavras diferentes.

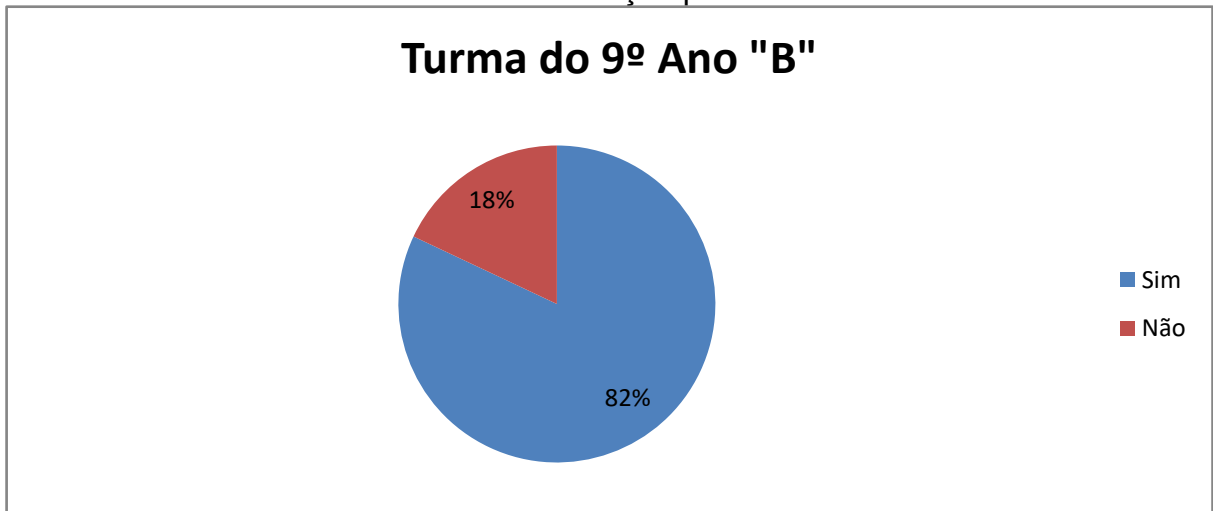


Fonte: Elaborado pelas autoras (2021).

O gráfico 11 mostra que 49% dos alunos perguntam a professora o significado de uma palavra diferente ouvida em sala de aula, enquanto 51% não pergunta o significado de uma palavra diferente ouvida em sala de aula.

Gráfico 12 - RESPOSTA DOS ALUNOS À PERGUNTA: Sua relação com a professora de Língua Portuguesa é de interação, respeito e amizade nas aulas?

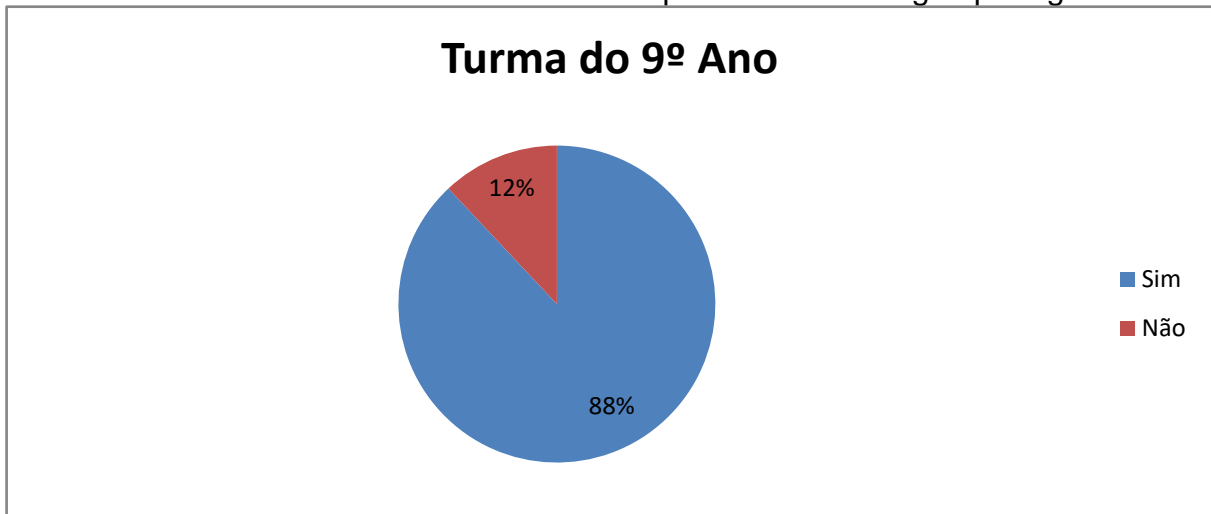
GRÁFICO 12 – Identificando a relação professora e aluno em sala de aula.



Fonte: Elaborado pelas autoras (2021).

O gráfico 12 mostra que 82% dos alunos afirmam que a sua relação com a professora é de respeito, interação e amizade, enquanto 18% dos alunos afirmaram que sua relação não era de interação, amizade e respeito.

. **Gráfico 13 - RESPOSTA DOS ALUNOS À PERGUNTA:** Você gosta das aulas e da disciplina de Língua Portuguesa?

GRÁFICO 13 – Identificando o interesse pelas aulas de língua portuguesa.

Fonte: Elaborado pelas autoras (2021).

O gráfico 13 mostra 88% dos alunos gostam tanto da disciplina de Língua Portuguesa como das aulas de Língua Portuguesa em quanto 12% afirmam não gostar das aulas nem da disciplina de Língua Portuguesa.

Vale ressaltar que alguns dos alunos que responderam “sim” à pergunta nos gráficos 11 e 12, deixaram uma observação escrita nos questionários com a frase “mais ou menos”, o que não deixa de ser relevante, para a análise dos dados, os quais serão tratados no próximo capítulo.

Reitera-se que a professora do 9º ano da escola a qual foi realizada a pesquisa é docente de língua portuguesa há 16 anos e leciona nessa escola na qual foi feita a pesquisa há apenas 6 anos. Essa professora nos concedeu uma entrevista a qual constam 12 perguntas que foram respondidas e transcritas na íntegra. São perguntas sobre as variações linguísticas e preconceito em sala de aula e suas práticas acerca desse tema.

A professora não se mostrou nada disponível com a entrevista, o que nos surpreendeu, pois estava sempre a nossa disposição no que precisássemos, e ainda nos pediu para não filmar, pois não tinha tempo estava muito ocupada com as turmas, preparando-as para o Sistema de Avaliação da Educação Básica (Saeb), e não tinha tempo a perder com filmagem.

Mesmo lendo as perguntas com antecedência, que não tomaria muito tempo, colocou muita dificuldade, disse não disponibilizar de tempo, apesar de sempre nos colocarmos a disposição a qualquer hora e lugar. Finalmente chegamos a uma

conclusão, e em sala de aula enquanto os alunos respondiam o questionário ela respondeu as nossas perguntas.

Entretanto, foi possível levantar o conhecimento sobre suas práticas docentes, e seu relacionamento com os alunos, e ainda sobre seu grau de entendimento referente às variações linguísticas e preconceito linguístico em sala de aula.

Na entrevista a docente afirma que a variação linguística de seus alunos “não atrapalham” nem dificultam as atividades de oralidade ou da interpretação textual passadas em sala de aula, e ainda que só corrige seus alunos dependendo do que a situação exige tanto em frente da turma, como o aluno sozinho.

Questionada sobre o uso da norma padrão e não padrão a professora mencionou que trabalha as duas formas em sala de aula, mas que a forma não padrão é muito mais utilizadas na oralidade e virtualmente, e ao ser interrogada em que se baseia sua escolha para fazer a leitura dos textos em sala de aula, afirmou que escolhe para lê em suas aulas de língua portuguesa, alunos essencialmente que tem voz alta.

Já no que diz respeito ao preconceito linguístico em relação à fala de seus alunos a docente afirma que não existe nenhum preconceito em sua turma e fala, que na escola nunca teve que resolver nenhum problema referente a esse tema.

Além disso, demonstra em sua fala que os alunos do 9º ano é uma turma que interage e participa do conteúdo em sala de aula e ao ser questionada como, não explicou, e mais ao ser interrogada, quanto à oralidade respondeu que é algo fundamental para nossa vida, pois é por meio dela que nos socializamos e construímos conhecimento, e ao responder sobre a gramática normativa de como ela trabalhava em sala de aula, relatou que contextualizava segundo as atividades em sala de aula.

Dando continuidade à entrevista, a professora declara que não observa a fala de seus alunos, para ela os alunos devem falar à vontade e entende que a variação linguística está em todos os lugares, pois o preconceito não existe, pelo menos em sala de aula e na escola, repetindo sua fala anterior.

E ao finalizar a entrevista descreve a turma do 9º ano e o tipo de relacionamento que tem com os alunos, usando uma só palavra, empatia. Após a entrevista pediu para ler suas respostas, e concordou com tudo que estava escrito, agradeceu e perguntou se precisávamos de mais alguma coisa, pois estava disponível.

6. ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS

A partir dos estudos apresentados nessa pesquisa, mostraremos a análise dos dados obtidos na pesquisa de campo através das respostas dos questionários aplicados, como também as respostas obtidas na entrevista. As questões serão apresentadas e divididas da forma que foram escritas. E após a leitura detalhada e atenciosa dos conteúdos dos questionários e da entrevista, identificamos e separamos as respostas para melhor entendimento, dos eixos explicativos e comparativos, mas sempre atentos aos fundamentos teóricos que embasam essa pesquisa.

Apresentaremos também uma discussão entre o que foi problematizado e visto nos instrumentos de pesquisa, como também na observação tanto dos alunos como da professora do 9º ano, sujeitos estudados na pesquisa. Assim iniciaremos a análise dos questionários, onde procuramos indícios na afirmação dos alunos em relação às questões apresentadas em contraponto com a afirmação da professora quando necessário.

Iniciando a primeira questão, o resultado obtido nesse tópico (gráfico 3) mostra que a maioria dos alunos acha que sim, que falam diferente dos demais alunos da sala e do próprio professor, por isso diante dessa afirmação, percebemos que os alunos têm consciência que falam diferente e que existem variações linguísticas em suas falas e se utilizam delas em sala de aula, conforme pudemos constatar.

Observamos também que há uma diversidade na oralidade e na expressão de seus alunos, e que isso é normal, pois segundo Antunes (2001, p.104), “a variação linguística é normal e existe não porque as pessoas não sabem falar ou são ignorantes, mas porque as línguas são fatos sociais”, e como tais devem sim ser respeitadas dentro ou fora de sala de aula.

Analisaremos as questões 2 (duas), 3 (três) e 4 (quatro) dos gráficos (4, 5, 6), por estabelecerem relação entre si, pois o resultado dessas questões no que se refere ao preconceito linguístico, nos mostra que os alunos possuem uma identificação de preconceito em sua fala, ao afirmarem que já falaram palavras diferentes ou “erradas”, como também foram vítimas de chacota na escola por

falarem diferente. Além do mais, muitos deixaram de participar das aulas de língua portuguesa por se sentirem intimidados ou envergonhados.

Assim, é possível constatar que esses alunos, têm a convicção do “certo” e “errado”, sentimento o qual o nativo da língua portuguesa traz consigo, que é nada mais do que um padrão de um ensino arraigado no tradicionalismo que durante décadas vem sendo imposto nas instituições escolares, e passado por professores com práticas pedagógicas tradicionais, ensinando que os alunos não sabem falar o português e os mesmos acreditam, e assim o preconceito linguístico prossegue fazendo vítimas nas instituições escolares. Sobre esse aspecto, Bagno afirma que:

[...] muitos brasileiros acreditam que “não sabem português”, que “português é muito difícil” ou que a língua falada aqui é “toda errada”. E ao contrário dos demais preconceitos, que vêm sendo atacados com algum sucesso com diversos métodos de combate, o preconceito linguístico prossegue sua marcha. (BAGNO, 1999, p.70).

O preconceito linguístico continua marchando firme nas salas de aula mesmo por muitas vezes velado, constatamos isso quando analisamos a questão 5 (gráfico 7) e a 6 (gráfico 8), pois as questões apresentam eixos semelhantes, a questão 5 onde a maioria dos alunos afirmou não terem liberdade de perguntar a professora de língua portuguesa quando tem alguma dúvida, e a questão 6 afirmam que o preconceito linguístico atrapalha as aulas de língua portuguesa.

Portanto, em relação a esse tópico o interessante é destacarmos o grau de relacionamento que o aluno tem com a professora e a participação dele em sala de aula, e aqui fazemos uma comparação com a resposta dos alunos e da professora no que se refere às questões 5 e 6, que ao ser questionada sobre o preconceito linguístico, a mesma afirmou que não havia preconceito linguístico em sua turma, e que tinha interação nas aulas, são afirmações contraditórias em relação a realidade da análise dos dados da pesquisa e das observações feitas em sala de aula.

Analisando também a questão 7 (gráfico 9), podemos descrever que os alunos se conscientizam de sua cultura regional e do quanto sua professora valoriza ou não essa cultura, as afirmações foram curiosas e chamou a atenção, principalmente quando a maioria dos alunos interrogaram o que era cultura regional, o que aconteceu nas duas etapas da aplicação dos questionários, por isso vale relatar que a professora de língua portuguesa nas duas etapas, interferiu nas

respostas dos alunos quando interrogou sobre a questão, e o porque de alguns dos discentes não saberem o que é cultura regional, o que causou o desconforto, mas não atrapalhou a aplicação dos questionários.

Entretanto, na análise final dessa questão pudemos identificar o quanto é importante a valorização da cultura regional do aluno, pois os fatores regionais influenciam na fala de seus falantes pelo alto grau de diversidade e também identificamos que tipo de relação a professora tem com a turma no que diz respeito à valorização das culturas regionais de seus alunos em sala de aula.

Já a análise da questão 8 (gráfico 10) e 9 (gráfico 11) são perguntas que apresentam semelhanças e destacam a variação linguística dos alunos e seu comportamento diante dessas variações nas aulas de língua portuguesa, assim no gráfico 11 notamos que 49% perguntam a professora enquanto 51% não perguntam, por isso ao compararmos suas respostas com a da professora sobre a participação de seus alunos verificamos algumas contradições, enquanto os alunos mostraram dificuldade em participar das aulas, a professora afirma que os deixam à vontade com suas falas e suas variações linguísticas.

Na análise, essa postura mostra que alunos e docentes não compartilham da mesma visão em relação à diversidade linguística e que a realidade em sala de aula é bem diferente da analisada na coleta de dados da entrevista da professora.

Por fim, nesse último tópico observamos nas questões 10 e 11 nos (gráficos 12 e 13) o relacionamento, ou seja, a relação que o professor e aluno possuem referente ao seu dia a dia em sala de aula e o gosto do aluno pela disciplina e pelas aulas de língua portuguesa, os quais afirmaram em suas respostas que a relação é de interação, respeito e amizade e que a maioria gosta das aulas e da disciplina.

Essa postura nas respostas da maioria dos alunos mostra que a turma tem uma relação amigável com a professora e que as aulas são do agrado dos discentes. Mas vale ressaltar que a professora fez comentários a respeito dos alunos, dizendo que gostava muito da turma o que pode ter influenciado na veracidade das respostas.

7. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente pesquisa teve como objetivo analisar a relação professor e aluno no convívio com as variações linguísticas e o preconceito em sala de aula, na turma do 9º ano de uma escola no município de Penedo-Alagoas e sua professora de língua portuguesa, para uma reflexão sobre os desafios de se construir uma linguagem que possa aproximar professor e aluno através das variações linguísticas e análise dos preconceitos existentes em sala de aula.

Semelhantemente ao que era discutido em sala de aula em nossa graduação, o ensino das variações linguísticas ainda é um grande desafio, principalmente para o professor que ainda se encontra arraigado a uma prática tradicionalista e uma linguagem autoritária de uma gramática normativa que ainda se mostra a ideal nas salas de aula.

A pesquisa de campo proporcionou um outro olhar sobre a realidade em classe no que se refere ao ensino das variações linguísticas e ao preconceito, pois identificamos o quanto é necessário que o professor de língua portuguesa, valorize mais as variações linguísticas e respeite as diversidades de seus alunos. O professor deve reconhecer que o preconceito existe e assim buscar soluções para combatê-lo, ademais, o professor desempenha um papel de destaque do processo de ensino e aprendizagem, por isso deve não apenas ensinar o uso das variantes nos vários contextos da comunicação, mas analisar, refletir e buscar os meios para que se possa haver uma comunicação significativa e o uso de uma linguagem sem margens para o preconceito linguístico em sala de aula.

Sobre a relação professor e aluno, pudemos perceber que o professor é o grande responsável por essa relação, pois depende dele, o professor, fazer que essa relação seja estimulante na busca da construção de saberes, para isso se faz necessário práticas pedagógicas resinificadas, transformadoras, deve-se ter um olhar humanizado ver o aluno como alguém que tem uma história para contar, e não apenas para ouvir. Além disso, essa relação deve esta pautada na valorização da cultura regional do aluno e no respeito a sua identidade, só assim de uma relação de poder, será construída uma relação de igualdade e de afetividade.

Com relação aos objetivos que foram colocados no começo desse trabalho, foi compreendido que a língua é constituída de variações linguísticas e deve ser respeitada, também foi feito com que o professor se sentisse estimulado a usar estratégias inovadoras e que refletisse sobre sua relação com os alunos e suas práticas pedagógicas.

Para trabalhos futuros, deixamos como sugestão o aprofundamento de pesquisas sobre a relação do professor de língua portuguesa e seus alunos do que se refere às variações linguísticas e o preconceito em sala de aula, pois é um tema muito abrangente e de vasto conhecimento a ser explorado, pois a língua é viva e heterogênea e se transforma através do tempo o que torna a pesquisa instigante.

Como forma de continuação dessa pesquisa fica alguns questionamentos que nos instigaram e que não foram aprofundados nesse primeiro momento como, por exemplo: Quais estratégias podem ser utilizadas em sala de aula no ensino das variações linguísticas para evitar o preconceito? Ou até mesmo como as variações linguísticas influenciam na relação aluno e professor? Essas e outras perguntas podem ser investigadas na continuidade dessa pesquisa.

Os resultados que foram encontrados nessa pesquisa podem auxiliar num melhor entendimento do tema, através da análise e da reflexão sobre o porquê de usar uma linguagem inovadora nas práticas pedagógicas, para auxiliar na relação professor e aluno no ensino das variações linguísticas e no combate ao preconceito em sala de aula. O trabalho trouxe também mais informações e conhecimento do tema pesquisado, que podem ser agregados a pesquisas futuras sobre as variações.

Por fim conseguimos ampliar nosso conhecimento e nossa visão em relação a que tipo de linguagem o professor deve utilizar no ensino das variações linguísticas para superar os desafios em sala de aula, mas sabendo que para isso se faz necessário que o professor não fique apegado a regras, e assume uma posição de pesquisador, como diz Bagno (1999 p.140) “[...] cada professor de língua assuma uma posição de cientista e investigador, de produtor de seu próprio conhecimento linguístico teórico e prático, e abandone a velha atitude repetidora e reprodutora de uma doutrina gramatical contraditória e incoerente”. Assim teoria e prática andam juntas para ressignificar uma linguagem antiga e ultrapassada na relação professor e aluno.

REFERÊNCIAS

ANTUNES, Irandé. **Aula de português: encontro e interação.** São Paulo: Parábola Editorial, 2003.

_____. **Muito além da gramática: por um ensino de gramática sem pedras no caminho.** São Paulo. 3ª ed. Parábola, 2007.

BAGNO, Marcos. **Preconceito linguístico o que é, como se faz?.** São Paulo, Brasil, Loyola 1999.

_____. **A norma oculta: língua e poder na sociedade brasileira.** São Paulo: Parábola, 2003.

_____. **Preconceito Linguístico.** *Revista Presença Pedagógica.* V. 14, n. 79, jan./fev. 2008. Disponível em: <https://www.une.org.br/2014/11/marcos-bagno-a-lingua-como-instrumento-de-poder/entrevista-especial-com-o-professor-para-a-9a-bienal-da-une>. Acesso em 10 out. 2021.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretária da Educação Media e Tecnológica. **Parâmetros Curriculares Nacionais de Língua Portuguesa** (Linguagens, Códigos e suas Tecnologias) - Brasília: Ministério da Educação e Cultura, 2000.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental: **Parâmetros curriculares nacionais: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: Língua Portuguesa.** Brasília: MEC/SEF, 1998.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular.** Brasília/DF, 2018. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/a-base>. Acesso em: 12 nov. 2021.

BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular (BNCC).** Ensino Fundamental Anos Finais. Brasília: MEC 2017. Disponível em: 17 de out 2021.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Metodologia científica: ciência e conhecimento científico, método científico, teoria, hipóteses e variáveis.** 5. ed. São Paulo: Atlas 2007.

_____. **Fundamentos de metodologia científica.** 8. ed. São Paulo: Atlas, 2017.

MATTOS, Carmen Lúcia Guimarães de; CASTRO, Paula Almeida de (organizadoras). **Etnografia e educação: conceitos e usos.** Campina Grande: EDUEPB, 2011.298p.

POSSENTI, Sírio. **Porque (não) ensinar gramática na escola?** Campinas, São Paulo: ALD: Mercado de Letras, 1996.

TRAVAGLIA, Luiz Carlos. **Gramática e Interação: uma proposta para o ensino de gramática.** 10 ed. São Paulo. Cortez, 2005

APÊNDICE A – ROTEIRO DO QUESTIONÁRIO

1. Você acha que fala “diferente” dos demais colegas de sua sala de aula ou de sua professora de Língua Portuguesa?
2. Alguma vez em sala de aula você falou alguma palavra “diferente” e o professor de Língua portuguesa ou um colega o corrigiu?
3. Por causa do seu modo de falar você já foi vítima de chacota ou de comentários desagradáveis na escola?
4. Durante as aulas de língua portuguesa você já deixou de participar por se sentir inibido por causa do preconceito linguístico por seu modo de falar?
5. Você tem liberdade de fazer perguntas nas aulas de Língua Portuguesa, quando você tem dúvidas?
6. Você acha que o preconceito linguístico atrapalha no seu desenvolvimento nas aulas de Língua Portuguesa?
7. Seu professor de Língua Portuguesa valoriza sua cultura regional em sala de aula?
8. Você já se sentiu envergonhado ao falar nas aulas de Língua Portuguesa devido ao uso das variações linguísticas no seu modo de falar?
9. Ao ouvir uma palavra “diferente” em sala de aula do seu modo de falar, você pergunta a professora o que significa?
10. Sua relação com a professora de Língua Portuguesa é de interação, respeito e amizade nas aulas?
11. Você gosta das aulas e da disciplina de Língua Portuguesa?

APÊNDICE B – ROTEIRO DE ENTREVISTA

1. Professora na turma do 9º ano tem alunos que possuem em sua forma de falar variações linguísticas que dificultam as atividades de oralidade ou interpretação de texto passada em sala de aula? Se sim, como?
2. Você costuma “corrigir” os alunos do 9º ano que fala de forma “diferente”, ou “errada” em sala de aula? Como?
3. Em sala de aula você utiliza predominantemente a norma padrão ou você também faz uso da norma não padrão? Por quê?
4. Qual o seu critério na escolha de alunos do 9º ano para fazer leitura em voz alta para a turma toda?
5. Na sala de aula do 9º ano, já aconteceu preconceito linguístico devido a forma de falar de alguns alunos, como foi resolvido?
6. Os alunos do 9º ano é uma turma que interage e participa dos conteúdos em sala de aula? Como?
7. A forma de falar de seus alunos do nono ano em sala de aula é um desafio a ser enfrentado por você? Por quê?
8. Professora você trabalha com a oralidade em sala de aula, quais são as estratégias e metodologias aplicadas? E que importância você dá a oralidade?
9. Como você trabalha a gramática normativa em sala de aula com os alunos do 9º ano?
10. Professora como você descreve a sua turma do nono ano e sua relação com eles?

ANEXO – AUTORIZAÇÃO DE PESQUISA

AUTORIZAÇÃO DE PESQUISA TCC

Eu, RAYANNE LARISSA RESENDE CAVALCANTE, abaixo assinada, autorizo as alunas Mônica Andrea Rocha e Edina Martins Costa, estudantes do Curso de Licenciatura em Letras do Instituto Federal de Alagoas no polo de Penedo-Alagoas, a utilizar as informações por mim prestadas na entrevista, para elaboração de seu Trabalho de Conclusão de Curso, que tem como título "Questões de Variação Linguística Na Relação Professor – Aluno".

Penedo/AL, 19 de Outubro de 2021.

Rayanne Larissa Resende Cavalcante

Assinatura do Entrevistado

ANEXO B – DECLARAÇÃO DE PESQUISA

DECLARAÇÃO de PESQUISA ACADÊMICO-CIENTÍFICA

Declaramos para os devido fins que as acadêmicas MÔNICA ANDREA ROCHA E EDINA MARTINS COSTA do Curso de Licenciatura em Letras do Instituto Federal de Alagoas do polo Penedo-AL, realizou nesse estabelecimento de ensino ESCOLA ESTADUAL PROFESSOR JOÃO VALERIANO DE OLIVEIRA. A pesquisa que é integrante do Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), tendo como título preliminar "Questões de Variação Linguística na Relação Professor-Aluno". A qual se utilizou da aplicação de questionários e entrevista para a coleta de dados.

Penedo/AL, 11 de Novembro de 2021.

Maria Gilcete dos Santos

Maria Gilcete dos Santos
Gestora
Mat. 67701-9

Assinatura da Direção da Coordenação com Carimbo do CNPJ da Escola

INSTITUTO FEDERAL DE ALAGOAS
ESCOLA ESTADUAL PROFESSOR
JOÃO VALERIANO DE OLIVEIRA
RUA JOÃO P. DE ALMEIDA, 123 - PENEDELO, AL
CEP: 57.100-000
CNPJ: 17.111.490/001-55